A INTERCONECTIVIDADE DOS SISTEMAS VIVOS

DE ARANHAS A RATOS

Áureo Augusto

Estou seriamente desconfiado que existe no mundo mais aranha do que formiga.

Hoje amanheceu o dia com o céu completamente azul, coisa rara nestas plagas amantes da nebulosidade e das águas, e frio.

Frio azul. O termômetro marcava 14,6ºC e por isso fui fazer meu desjejum no sol.

Comi enquanto observava as gotas de orvalho diminuírem sob a ação do calor do astro chamado, por alguns indígenas, de cara amarela.

Estava saboreando a beleza da manhã, admirando que na ponta de cada folha de grama havia uma gota de rocio quando percebi as teias de aranha.

Foi Cybele que uma vez me falou que se admirava da quantidade de teias de aranha que tinha no mundo e desde então reparo que ela tem razão na admiração.

Mas só hoje me dei conta, olhando à contraluz, da quantidade quase infinita de teias.

Literalmente havia uma teia para cada duas folhas.

E não se pode dizer que grama, capim, quaresmeira, mangueira, jaqueira, quaresmeira de jardim, hibisco, morango, beijo de freira, roseira, cipreste, pinheiro, romã, duas amigas, murici, azedinha, amoreira, carrapicho de agulha, mal-me-quer-bem-me-quer, treme-treme e tantas outras e incontáveis plantas tenham, todas juntas, poucas folhas!

Quantas aranhas foram necessárias para construir o intricado labirinto que se desvanecerá com o dia, o vento, o vôo das aves e besouros?

Ou são máquinas tecedeiras ou são milhares. Menos mal que não lhes faço mal. Quando uma das grandes aparece em casa

cuidadosamente levo-a pra fora, evitando dentro do possível fazer-la sofrer.

E só boto pra fora aquelas que resolvem visitar o quarto porque não é muito agradável calçar um sapato com uma aranha dentro ou acordar à noite com passos octópodes sobre o rosto.

Em verdade até que me dou bem com os bichos e, noto, às vezes eles exageram na ousadia.

Aqui no Vale do Capão ainda temos daqueles ratinhos antigos, do tempo anterior à descoberta de Cabral, ratos estes que nas grandes cidades foram substituídos pelos calungas e camundongos europeus. São vários tipos e há um com um olhar muito terno.

Parece um sariguê em miniatura porque tem dois círculos negros ao redor dos olhos.

De quando em vez algum casal resolve fazer casa aqui dentro de casa, e não os critico por isso.

Das inúmeras variedades há aquelas que não incomodam nada porque até para a construção dos ninhos preferem folhas secas de modo que não roem papéis/tesouros meus (e nisso sou intransigente: comeu livros e notas, pra fora).

Uma vez cheguei de viagem e um casal fazia o ninho em cima de minha mesa de trabalho. Cheguei até a fotografar o ninho entre as pernas dos óculos.

Recentemente estava telefonando quando senti um suave toque no meu ombro esquerdo.

Era um daqueles simpáticos ratinhos que olhava curioso minha orelha.

Depois desceu pela minha barriga, pela perna, sempre se admirando de minha conversa com o aparelho, suponho, pois parava para olhar e escutar.

Não sei o que entendia, mas não se sentia incomodado, pois muito tranqüilo usou meus pés como caminho antes de investigar a mesa e esconder-se em umas caixas que deduzi serem o seu lar.

A tranqüilidade do bichinho lindo era tal que só rindo.

Aliás, coelhos e cobras, pássaros e aranhas, sagüis e baratões, são destas coisas que há no mundo que me trazem a sensação de fazer parte de uma trama, uma quadrilha, gangue dedicada a dizer sim à vida.

Estes seres, com o seu chegar escondido, caminhar de regra silencioso e presença discreta e assertiva na rede da vida, quando os vejo e toco, quando com eles me relaciono trazem a mim a sensação de que somos um em um todo...

Agora, dezesseis graus, estou pensando em cobrar aluguel dessa turma.

Áureo Augusto é um jovem médico à moda antiga, reside e trabalha no Vale do Capão, região sertaneja da Chapada Diamantina - BA, onde faz um trabalho maravilhoso com a população local.